

A DIFUSÃO DA “LÓGICA ECONÔMICA”:
PADRÕES E DIVERSIFICAÇÃO NO
MERCADO DE OPINIÕES BRASILEIRO

*THE DIFFUSION OF “ECONOMIC LOGIC”:
PATTERNS AND DIVERSIFICATION IN THE
BRAZILIAN MARKET OF OPINIONS*

*LA DIFUSIÓN DE LA ‘LÓGICA ECONÓMICA’:
PATRONES Y DIVERSIFICACIÓN EN EL
MERCADO DE OPINIONES BRASILEÑO*

*Allana MEIRELLES**

RESUMO: Este artigo analisa os economistas-colunistas e seus investimentos editoriais, a fim de compreender a difusão e a legitimação da *doxa* econômica, a diferenciação dos perfis de publicação em correlação com as posições que os agentes ocupam no campo do poder e no mercado de opiniões, bem como as possibilidades de pretensão intelectual e ganhos simbólicos. Para tanto, foram analisados 33 economistas-colunistas que escreveram nos principais jornais do país – *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e *O Globo* – entre 2014 e 2022. A pesquisa baseou-se na prosopografia e na análise qualitativa dos paratextos dos 160 livros publicados pelos economistas-colunistas entre 2000 e 2025.

PALAVRAS-CHAVE: Economistas. Colunistas. Mercado Editorial. Intelectual. Experts.

ABSTRACT: *This article examines economist-columnists and their editorial investments, in order to comprehend the diffusion and legitimation of economic doxa, the differentiation of publication profiles in correlation with the agents' positions in the field of power and in the market of opinions, as well as the possibilities for*

* Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP) e pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS). Docente do departamento de Ciências Sociais da UNESP, campus de Araraquara. <https://orcid.org/0000-0001-9925-8965>. allana.meirelles@unesp.br

intellectual pretension and symbolic profits. To this purpose, the analysis includes 33 economist-columnists who wrote for Brazil's leading newspapers – Folha de S.Paulo, O Estado de S.Paulo, and O Globo – between 2014 and 2022. The research is based on prosopography and qualitative analysis of the paratexts from the 160 books published by these economists after the 2000s.

KEYWORDS: *Economists. Experts. Economic Journalism. Intellectuals. Publishing Market.*

RESUMEN: *Este artículo analiza a los economistas-columnistas y sus inversiones editoriales para comprender la difusión y legitimación de la doxa económica, la diferenciación de perfiles de publicación en correlación con las posiciones que los agentes ocupan en el campo del poder y en el mercado de opiniones, así como las posibilidades de pretensión intelectual y lucros simbólicas. Con este fin, se estudiaron 33 economistas-columnistas que escribieron en los principales periódicos de Brasil – Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo y O Globo – entre 2014 y 2022. La investigación combinó prosopografía y análisis cualitativo de los paratextos de los 160 libros publicados por estos economistas después de los años 2000.*

PALABRAS-CLAVE: *Economistas. Expertos. Periodismo económico. Intelectuales. Mercado editorial.*

A presença dos economistas e a reprodução da *doxa* econômica nas páginas dos jornais têm sido objeto de análise de pesquisas na área de Sociologia. A consolidação dos economistas como elites dirigentes (Loureiro, 1997; Klüger, 2017); a sedimentação do modelo de expertise na política e nos espaços das intervenções públicas (Dezalay; Garth, 2000; Sapiro, 2009; Eyal; Buchholz; 2010; Meirelles, 2021); e o desenvolvimento do jornalismo econômico (Abreu, 2003; Duval, 2004; Pedroso, 2015; Undurraga, 2016; Pedroso; Undurraga, 2019; Meirelles, Chiaramonte, 2020; Perissinotto *et al.*, 2024) tornaram a temática central para a compreensão das relações de poder e dominação bem como das mudanças em termos de práticas e formas de legitimação no campo do poder, na universidade, na imprensa e no debate público de maneira mais geral.

Enquanto algumas pesquisas enfatizam os discursos e as estratégias dos economistas, relacionando-os às trajetórias, posições no campo do poder e inclinações ideológicas (Loureiro, 1997; Klüger, 2017; Jardim; Moura, 2021); outras se debruçam sobre as características dos jornalistas, suas relações com os economistas e as lógicas desse subcampo¹ do jornalismo (Duval, 2004; Neiburg, 2004; Puliti, 2009; Pedroso, 2015; Undurraga, 2016; Pedroso; Undurraga, 2019;

¹ A noção de subcampo do jornalismo foi desenvolvida por Marchetti, 2005.

Meirelles; Chiaramonte, 2020; Perissinotto *et al.*, 2024). Em geral, esses estudos têm demonstrado a financeirização do noticiário; a predominância de perspectivas mais ortodoxas na cobertura de economia no Brasil; a heteronomia do jornalismo, especialmente, da editoria de economia; as relações de homologia entre jornalistas e suas fontes (os economistas); a formação de uma comunidade epistêmica (*Ibid.*). Além disso, enfatizam a reivindicação, por parte desses agentes, de um conhecimento técnico especializado, que se passa por neutro, não ideológico, e que busca ser reconhecido como único capaz de guiar os debates políticos e econômicos (Klüger, 2015; Perissinotto *et al.*, 2024).

Em diálogo com essas investigações, este artigo vai além da relação entre espaço dos economistas e jornalismo, incorporando a interseção estabelecida com o mercado editorial. Nesse sentido, busca compreender: 1) a difusão e a legitimação de padrões discursivos por parte dos economistas; 2) a diferenciação dos perfis de publicação editorial em correlação com as posições no campo do poder e no mercado de opiniões² (Meirelles, 2021, 2025); 3) as possibilidades de pretensão intelectual e os ganhos simbólicos desses investimentos editoriais. Tal análise permitiu identificar o jogo duplo dos economistas-colunistas-escritores, que oscilam entre, de um lado, a mobilização de cálculos, da ortodoxia matematizada, da imagem de técnicos, e, de outro, o esforço para se afastarem do rótulo de “tecnocratas” e conquistarem um reconhecimento enquanto “intelectuais”, “pensadores” e/ou enquanto comunicadores claros e acessíveis. Nesse sentido, também se verificou uma divisão do trabalho entre esses agentes, contribuindo para a eficácia simbólica na difusão da “lógica econômica”.

O artigo baseou-se na análise de 33 economistas que atuaram como colunistas dos três principais jornais generalistas do país – *Folha de S.Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e *O Globo* – durante o período de 2014 a 2022 e que publicaram livros após os anos 2000. Para a seleção do corpus, foram adotados os seguintes critérios: 1) ter assinado uma coluna periódica nos jornais e no período citados, excluindo os nomes que começaram a escrever apenas em 2022 e os que ficaram nos jornais em períodos inferiores a um ano, a fim de reter somente os agentes com maior dedicação à atividade nos oito anos de recorte; 2) ter alguma etapa de formação em Economia³ e atuação específica como tal, de modo a não incluir os jornalistas de economia (mesmo que atuem como colunistas da área ou que tenham alguma etapa de formação associada). A partir desses parâmetros, chegamos a 45 nomes. Não foram encontrados livros publicados entre 2000 e 2025 de 12 desses agentes, os quais foram excluídos do corpus, a fim de chegarmos ao conjunto pretendido: o dos economistas-colunistas-escritores.

² Para a compreensão da estrutura e dinâmica do mercado de opiniões, ver Meirelles, 2021, 2025.

³ A exceção foi Henrique Meirelles, que tem formação em Engenharia, mas assumiu cargos como Ministro da Fazenda e presidente do Banco Central.

Esses economistas se destacam por uma presença periódica (semanal, quinzenal ou mensal), autoral (assinam as colunas e não aparecem apenas como fontes, a serem citadas e editadas pelos jornalistas) e prestigiosa (dado o status do espaço na hierarquia das seções do jornal) na imprensa. Suas participações no debate público, portanto, não estão submetidas às seleções diretas dos jornalistas (Undurraga, 2017), com os quais eles estabelecem alianças, mas também rivalizam, ainda que indiretamente, uma vez que disputam posições e legitimidade no mercado de opiniões (Meirelles, 2021, 2025).

O artigo se baseia tanto na prosopografia dos agentes – com a coleta de dados sobre posições no campo do poder, na imprensa e no mercado editorial – quanto na análise qualitativa dos textos presentes nas quartas capas, nas orelhas e nas sinopses⁴ de todos os livros publicados pelos autores de 2000 a 2025, tendo sido encontrados 160 títulos (12 deles tiveram dois ou mais dos agentes analisados como coautores). Voltadas à atração do público, as partes selecionadas tornam-se um material de análise profícuo uma vez que ilustram de forma sintética e ao mesmo tempo elucidativa as estratégias de apresentação das obras, mas também dos próprios agentes, indicando os jogos em que estão inseridos ao oferecer indícios dos modos de construção de suas autoridades e legitimidades. Nelas, os autores têm a oportunidade de dizer “o que fazem” (Le Bart, 1998) ou de delegar tal tarefa a uma figura prestigiosa, capaz de transferir legitimidade. O chamado “paratexto” “rotula o texto, define-o, classifica-o por referência a um gênero; ele inscreve o texto em um esquema de comunicação, dizendo a uma só vez para quem e por que o texto existe, a quem ele é dirigido e como ele deve ser lido” (Le Bart, 1998, p. 77).

A análise dos textos consistiu em selecionar e comparar os trechos que enfatizavam: 1) o estilo das publicações, como as formas de embasamento (análises estatísticas, históricas, filosóficas, relatos de experiência de vida etc.) e a linguagem pretendida (acessível, erudita, técnica etc.); 2) as credenciais e as características dos autores destacadas; 3) os comentários de terceiros sobre as obras e os autores, detectando as áreas de atuação (jornalismo, política, economia etc.) dessas figuras e as clientelas pretendidas.

Na primeira parte do artigo, apresento os padrões discursivos e os relaciono com os dados prosopográficos predominantes entre os agentes analisados, destacando os investimentos na definição do “debate público” e, conseqüentemente, nos rumos do país (não exclusivamente na área econômica). Na segunda parte, traço as distinções identificadas entre os economistas-colunistas, tanto em termos posicionais quanto nos modos de legitimação de suas tomadas de posição e de suas presenças no mercado de opiniões, destacando os nomes que publicaram mais de

⁴ Para a coleta das sinopses, foram consultados principalmente o site da *Amazon* e das respectivas editoras.

10 livros. Nessa parte, as evidências empíricas possibilitaram a discussão sobre os modos de mobilização de indícios e símbolos de intelectualidade, que contribuem na circulação, legitimação e cristalização da *doxa* (Bourdieu, 1996a) econômica bem como dos economistas-colunistas como “homens de saber” e “homens de poder” (Le Bart, 1998).

A “lógica econômica” disputa o debate público

Uma análise fundamental da situação econômica do Brasil, com propostas e soluções em meio à crise que o país atravessa. O fracasso da política econômica dos governos petistas e a falência do Estado que se seguiu abriram caminho para a adoção de uma agenda liberal. A velha divisão entre a direita e a esquerda pertence ao passado. O debate hoje é entre intervencionismo e liberalismo. Este livro chega em boa hora. Ele nos traz um excelente diagnóstico da gravidade da situação que vivemos em diferentes áreas de nossa economia. Não se trata apenas de uma fotografia deste momento de crise. Ele oferece ao leitor a história das políticas públicas após a democratização, os seus erros e, em menor grau, alguns dos acertos que nos trouxeram até aqui. É uma leitura obrigatória nesta conjuntura porque, além de uma análise cuidadosa dos avanços e retrocessos das últimas décadas, aceita o desafio de propor soluções para superarmos a armadilha da renda média e para recuperar o tempo perdido⁵.

A sinopse ilustra o padrão de apresentação da maior parte das obras publicadas pelos economistas-colunistas ou pelos autores-atores (Le Bart, 1998). No texto e no título, as elaborações e ênfases são comuns (ainda que com graus de variância): 1) o agendamento dos problemas e soluções do e para o Brasil; 2) o anúncio de novas verdades, tais como “a velha divisão entre a direita e a esquerda pertence ao passado”; 3) a contraposição entre passado *versus* futuro, velho/arcaico *versus* moderno/novo; 4) a reivindicação da razão e a associação automática entre esta e a “lógica econômica”; 5) a mobilização do imperativo, seja por verbos eventualmente utilizados ou pela recorrente ênfase na “leitura obrigatória”⁶.

A maior parte das obras analisadas trata da conjuntura econômica⁷ ou da história econômica nacional, sendo que 55 livros têm no título alguma referência ao “Brasil”. Os autores se empenham, assim, em formular e reproduzir narrativas

⁵ *Apelo à razão: A reconciliação com a lógica econômica*, de Fabio Giambiagi e Rodrigo Zeidan, 2018.

⁶ Todos esses padrões foram observados por Pierre Bourdieu e Luc Boltanski, no texto de 1976, *A produção da ideologia dominante*.

⁷ Considerando que o artigo enfatiza os economistas que escrevem nos principais jornais generalistas, não é inesperado que a conjuntura seja a questão priorizada pela maioria dos nomes, demonstrando uma influência mútua entre as colunas e os livros.

sobre o país, colocando-se como intérpretes privilegiados do que seriam as nossas mazelas, suas causas e, mais ainda, as chaves para solucioná-las. Mais ou menos abrangentes, as obras se dedicam a estudar temas como: o “desenvolvimento no Brasil”, o “crescimento econômico do Brasil”, o “conflito fiscal-monetário no Brasil”, a “inflação no Brasil”, a “agricultura e a indústria no Brasil”, “o problema do café no Brasil”, “a previdência social no Brasil”, a “securitização no Brasil”, as “políticas públicas no Brasil”, a “educação brasileira” etc.

Lidos coletivamente, os paratextos deixam entrever o imaginário modernizador presente entre os economistas-colunistas: “este livro ora entregue ao público brinda o leitor atento com as 200 melhores frases de um frasista emérito, das mais luminosas inteligências da história pátria e, certamente, um dos construtores do Brasil moderno e democrático”⁸. Essa dimensão também se expressa nas menções ao “futuro”, inclusive nos títulos das obras: *Erros do passado, soluções para o futuro: A herança das políticas econômicas brasileiras do século XX*, de Affonso Celso Pastore; *O futuro de um país sem ciência*, de Cláudio de Moura Castro; *A reforma inacabada: o futuro da previdência social no Brasil*, de Fabio Giambiagi e Paulo Tafner; *O futuro do Brasil*, organizado por Fabio Giambiagi; *Por que o Brasil cresce pouco? desigualdade, democracia e baixo crescimento no país do futuro*, de Marcos Mendes; *O futuro da indústria no Brasil: desindustrialização em debate*, de Monica de Bolle; *Uma certa ideia de Brasil: entre passado e futuro*, de Pedro Malan. Nesses livros, o porvir é debatido e disputado, uma vez que os autores se empenham em defender reformas, ajustes econômicos e mudanças nas formas de condução econômica, buscando dar respostas para mudanças demográficas, tecnológicas, nacionais e ambientais. As mensagens trazem um tom profético, de quem tem as chaves para a sobrevivência, o bem-estar, o desenvolvimento e o enriquecimento: “Uma leitura indispensável para quem quer entender o Brasil de hoje e o que é necessário para ter um futuro promissor”⁹; “inspira líderes políticos com capacidade de articulação a enfrentar os desgastes em nome de um futuro melhor para todos”¹⁰. A ideia de reforma necessária e urgente faz parte do senso comum que se reproduz nos chamados *lugares neutros*, capazes de fazer passar por coletivos os interesses dominantes (Bourdieu; Boltanski, 1976; Pinto, 2009). As mensagens, em geral, invocam a lucidez e a coragem dos autores-atores para apontar as mudanças necessárias, as quais se vinculam, nesses discursos em geral, à adoção das mentalidades “modernizadoras” do mercado (Pinto, 2009, p. 54). Além disso, utilizam a ideia de “todos” ou de um “nós” indefinido, buscando universalizar o discurso, as problemáticas e as soluções (Bourdieu, Boltanski, 1976; Pinto, 2009).

⁸ *O Homem Mais Realista do Brasil - as Melhores Frases de Delfim Netto*, organizado por Aristóteles Drummond, 2016.

⁹ *Finanças públicas: Da contabilidade criativa ao resgate da credibilidade*, de Fabio Giambiagi e Mansueto Almeida, 2016.

¹⁰ *Tudo Sobre o Déficit Público: um Guia Sobre o Maior Desafio do País Para a Década de 2020*, de Fabio Giambiagi, 2021.

O tom dos trechos se combina ao anúncio recorrente de que a obra “desmonta impiedosamente os mitos”¹¹ e opõe-se ao “debate raso, dissociado dos fatos, prisioneiro dos dogmas”¹². Assim, busca-se afirmar o realismo, frisando a conexão com os fatos, dados, estatísticas: “Os dados são subsídios para um debate crítico e racional”¹³; “Fundamentado em testes de hipóteses, e não na busca de fatos isolados que deem suporte a narrativas atraentes”¹⁴. O argumento “técnico” – que aciona o cálculo, a matematização e a orientação científica – sustenta a crença sobre o caráter estritamente racional e cristaliza o lugar “neutro-universal” da Ciência Econômica, de modo a fazer com que as escolhas políticas sejam lidas como fruto de análises e decisões técnicas (Klüger, 2015, p. 93). A oposição entre supostos dogmáticos e reprodutores de mitos *versus* técnicos racionais, cientificamente embasados, contribui por reproduzir a *doxa* econômica, expressa nesse caso pelo receituário de ajuste fiscal e redução do gasto público.

Mas se a afirmação técnica dos autores contribui para legitimá-los em certo sentido, em outro, eles precisam escapar da pecha de “tecnocratas” ou intelectuais fechados aos “muros da academia”, destacando suas capacidades de traduzir para os não iniciados os preceitos e lógicas da economia. Como agentes híbridos, que investem também no mercado de opiniões (Meirelles, 2021, 2025), eles precisam associar o rigor “metodológico”, “da teoria econômica”, “do embasamento histórico e técnico”, “necessário às boas práticas estatísticas” a uma pretensa acessibilidade, investindo na ampliação de seus alcances: “Uma leitura fácil, ainda que profunda, que certamente provocará boas reflexões”¹⁵; “É texto de digestão fácil que, no entanto, não faz nenhuma concessão ao comodismo mental”¹⁶.

No mercado de opiniões, os economistas-colunistas adotam modalidades de prática caracterizadas justamente pelas interlocuções com o campo do poder e pela reivindicação da técnica e da expertise (Meirelles, 2021, 2025). Diferenciam-se, em geral, de alguns colunistas da área de filosofia e ciências sociais, que se ancoram sobretudo nas atividades propriamente acadêmicas, buscam se afastar das posições de poder e reivindicam o senso crítico, o conhecimento histórico e filosófico. Esses últimos se aproximam do modelo de “intelectual público” consolidado historicamente no Brasil (Pinheiro, 2011; Meirelles, 2021, 2025). Os economistas também se distinguem de colunistas-jornalistas, que fundam suas legitimidades nas carreiras

¹¹ *Brasil – raízes do atraso: paternalismo versus produtividade*, de Fabio Giambiagi, 2017.

¹² *Lições amargas – uma história provisória da atualidade*, de Gustavo Franco, 2021.

¹³ *A Reforma Inacabada: o Futuro da Previdência Social no Brasil*, de Fabio Giambiagi e Paulo Tafner, 2024.

¹⁴ *Erros do passado, soluções para o futuro: A herança das políticas econômicas brasileiras do século XX*, de Affonso Celso Pastore, 2021.

¹⁵ *Complacência – entenda por que o Brasil cresce menos do que pode*, de Alexandre Schwartzman e Fabio Giambiagi, 2014.

¹⁶ *Brasil – raízes do atraso: paternalismo versus produtividade*, de Fabio Giambiagi, 2017.

e no reconhecimento interno ao jornalismo, tendo na coluna sua principal atividade profissional; e de colunistas-polemistas e militantes, que dependem sobretudo de seguidores nas redes sociais, venda de livros e audiências em canais de televisão e rádio (Meirelles, 2021, 2025).

De maneira geral, os economistas-colunistas-escritores formaram-se em universidades de prestígio – como USP, UFRJ, UnB, UFMG, FGV e PUC-RJ –, sobretudo entre a década de 1950 e 1980 (21 dos agentes estudados). Doze se graduaram nos anos 1990 e 2000. A maioria tem doutorado em instituições dos Estados Unidos e Europa (16), e um quarto, na USP. Três dos agentes têm apenas mestrado e três somente MBA em finanças. Os agentes caracterizam-se por experiências de docência (a maioria passou por faculdades privadas, principalmente FGV e PUC-RJ, e alguns lecionaram em universidades públicas); atuação em cargos políticos e instituições financeiras (como Banco Central, BNDES, Banco Mundial, BID e FMI, sendo que alguns foram Ministros ou presidentes do Banco Central e BNDES). Quase metade dos agentes trabalhou também em bancos privados. Há figuras que atuam como colunistas há mais de dez anos nos jornais estudados e alguns nomes que tiveram colunas por períodos de um a três anos. Nas redes sociais, os economistas-colunistas são em geral pouco atuantes. Já no mercado editorial, a maioria publicou até três livros; e a minoria publicou entre 4 e 9 ou mais de 10 livros. Além disso, 13 autores foram finalistas ou receberam o prêmio Jabuti, principalmente nas categorias ligadas à economia, administração e negócios. Os dados confirmam as carreiras modelos entre os economistas e as elites, marcadas pela multiposicionalidade (Boltanski, 1973; Klüger, 2017; Perissinotto *et al.*, 2017; Olivieri, 2017). Também demonstram como a construção da autoridade de legislar sobre questões do mundo social se embasa nos vínculos com o campo do poder – os quais não são ocultados dos paratextos dos livros, mas sim exaltados – assim como nas credenciais acadêmicas e intelectuais. Embora mantenham um conjunto de afinidades que os distanciam de outros modelos de intervenção pública, entre esses economistas-colunistas, também se observam diferenças de investimentos e pretensões vinculadas às suas posições, havendo inclusive agentes que adotam mais a postura de polemista e/ou militante do que a de expert.

Do prático ao erudito: distinções e reconhecimento

O conjunto de livros escritos pelos economistas-colunistas expressa também um processo de diversificação nas instâncias do mercado de opiniões, ou seja, na universidade, na imprensa e no mercado editorial (Meirelles, 2021, 2025); assim como no mercado financeiro (Grün, 2015). Embora a conjuntura econômica seja o tema principal, há desde autores que também se arriscam em obras sobre a his-

tória econômica e as relações entre economia e filosofia ou literatura, até aqueles que se encarregam das dicas de finanças, investimentos e carreira para empresas e pessoas físicas. Há livros mais voltados para a discussão de políticas públicas gerais, sobretudo da área de educação, a partir do olhar dos economistas; como também aqueles dedicados a defender posições ideológicas mais diretas, como o liberalismo, o conservadorismo, a privatização e o próprio capitalismo. Além disso, há homenagens a economistas renomados, memórias biográficas, antologias e ficção. Algumas publicações são compilações de artigos acadêmicos organizados pelos economistas-colunistas e outras são uma reunião de colunas publicadas na imprensa. Quanto maior o nível de abstração das temáticas, maior a tendência de os autores ocuparem posições de maior prestígio tanto no mercado de opiniões quanto no próprio espaço dos economistas. Por outro lado, os livros voltados à solução de problemas práticos, sobretudo de empresas e pessoas, vinculam-se, em geral, a posições menos dotadas de capital.

Assim, embora o jogo duplo, entre o acessível e o técnico, seja típico dos agentes em geral, os livros mais voltados a empresas e pessoas físicas – cujo enfoque recai sobre as finanças empresariais, a tradução de temas econômicos para pessoas comuns, as dicas em termos de empreendimento e finanças – são aqueles em que a ênfase na acessibilidade é ainda mais demarcada. Aqui, os livros se pretendem manuais de ação e os autores reforçam principalmente suas habilidades práticas, suas ancoragens no mundo concreto, suas aptidões para lidar com os problemas cotidianos, suas receitas de solução, suas experiências mundanas, seus distanciamentos em relação às abstrações e linguagens cifradas (ver Tabela 1).

Tabela 1: Exemplos de livros que destacam a facilidade e a acessibilidade da obra.

Autor	Título	Trechos dos paratextos
Alexandre Schwartzman	Economia no cotidiano: Decifra-me ou te devoro	“São textos curtos, a linguagem não é nada técnica, e o objetivo é que o leitor, ao final de cada capítulo, possa se sentir à vontade para compreender de que forma a economia afeta seu dia a dia, e não como uma conversa esotérica de especialistas para especialistas.”
Cláudio de Moura Castro	Você sabe estudar? Quem sabe, estuda menos e aprende mais	“Nova edição do livro que mostrou a milhares de leitores como aprender de forma mais eficaz — inteiramente revisada, atualizada e ampliada!”

Autor	Título	Trechos dos paratextos
Fabio Giambiagi e Arlete Nese	Fundamentos da Previdência complementar - da administração à gestão de investimentos	“O guia para compreensão da previdência complementar. Arlete Nese e Fabio Giambiagi relatam, de modo profundo e didático, como a Previdência Social nasceu no Brasil e no mundo, bem como a evolução e as formas de financiamento dos regimes de aposentadoria. (...) Para quem quer se precaver por conta própria, os autores apresentam os produtos de previdência e seguro existentes no mercado e as vantagens tributárias de cada um deles. Este livro auxilia na compreensão do tema da Previdência e deixa claro que é sempre necessário fazer algum sacrifício no presente para garantir a sobrevivência no futuro.”
Roberto Macedo	Economania: 104 dicas de educação financeira para a prosperidade pessoal, familiar e do Brasil	“É um livro fundamental, provavelmente o mais completo, dados os muitos assuntos de que trata, ligados à análise de uma das escolhas mais importantes de nossas vidas: as voltadas para poupar e investir com rentabilidade.”
Rodrigo Constantino	Economia do indivíduo? O legado da escola austríaca	“O objetivo deste livro é tentar compartilhar com o leitor a sabedoria dos “austríacos” e suas principais lições – tudo através do filtro do autor, naturalmente. Esta obra serve de introdução aos pensamentos da Escola Austríaca, tão ignorada nos debates econômicos desse país. (...) O “economês” foi evitado sempre que possível, e o público-alvo desse livro é, sem dúvida, mais abrangente que somente economistas. Trata-se, afinal, de uma ampla defesa da liberdade individual, tão ameaçada atualmente.”
Rodrigo Zeidan	Vida de rico sem patrimônio	“Vida de rico sem patrimônio é um livro para aqueles que querem usar o dinheiro como um meio de conquistar uma boa vida, em vez de viverem a serviço da acumulação patrimonial. Na prática, isso significa abandonar várias regras sagradas embebidas na cultura patrimonialista brasileira. O Brasil mudou, mas as pessoas não. Ainda queremos segurança a qualquer custo, ficamos com medo de perder o emprego, não sabemos o valor do dinheiro do tempo e nem como montar uma estratégia de longo prazo. O livro propõe um modelo mental de finanças pessoais moderno e bastante simples: o que importam são fluxos, não estoques. O patrimônio é irrelevante se não gerar fluxos, tanto para um indivíduo quanto para uma empresa. Além disso, o fundamental na tomada de decisão são as expectativas, e as decisões passadas não devem influenciar decisões futuras. Desse modo, o futuro passa a ser considerado como oportunidade e não apenas como risco. ”

Autor	Título	Trechos dos paratextos
Samy Dana e Fabio Souza	Como passar de devedor para investidor: um guia de finanças pessoais	“Está devendo para o banco ou cartão de crédito? Tem alguma outra dívida que não consegue terminar de pagar, mesmo tendo rendimentos mensais? (...) Este livro foi escrito para pessoas de todas as idades que responderiam “sim” a uma ou mais dessas perguntas. Trata-se de um método simples, com sucesso comprovado, para melhorar a administração de suas finanças pessoais. Seguindo as orientações deste livro, em pouco tempo você passará de devedor para investidor.”

Fonte: Elaborada pela autora.

Com promessas de soluções rápidas, fáceis, ao alcance de todos, os autores dos livros de dicas financeiras e econômicas para leigos difundem posicionamentos ideológicos, modos de conduta de vida, valores e tomadas de posição, de maneira mais ou menos disfarçada por expressões neutralizadoras, como “guia”, “dica”, “manual”.

Dos nomes citados na Tabela 1, quatro são os que mais lançaram livros depois dos anos 2000 entre os agentes estudados. Fabio Giambiagi, autor do maior número de publicações (mais de 30), investe arduamente no mercado editorial, organizando coletâneas de artigos sobre temas diversos no âmbito da economia (finanças públicas, déficit público, reformas, previdência, distribuição de renda, demografia, produtividade, educação etc.), compilando artigos de imprensa, formando parcerias de coautoria com outros economistas, convidando políticos e jornalistas para escrever orelhas, contracapas e prefácios. Seus livros destacam-se por ter como objetivo principal pautar o debate público, convencer o leitor, buscando atingir economistas, tomadores de decisão, mas também leigos. A diversidade de suas publicações acaba por abarcar, como no exemplo citado, também os guias práticos para empresas e pessoas físicas. Economista concursado do BNDES, ele já passou pela docência e por cargos políticos, mas dedica seu tempo extra sobretudo à participação nos “grandes debates”. Integrou o conselho consultivo de Reforma da Previdência formado por Paulo Guedes, em 2018. É colunista da imprensa há mais de vinte anos, tendo escrito no *Valor Econômico* e mantendo atualmente coluna nos jornais *O Globo* e *O Estado de S. Paulo*.

Já o economista Claudio de Moura Castro passou pela Organização Internacional do Trabalho, pelo Banco Mundial e pelo BID¹⁷. Tem uma trajetória ligada sobretudo ao campo da educação, tendo sido presidente da Capes entre 1979 e 1982,

¹⁷ Algumas pesquisas têm destacado o papel dos economistas e desses organismos internacionais – sobretudo do Banco Mundial – na definição das políticas educacionais do país, com orientação (neo) liberal (Almeida, 2008; Mello, 2012; Chiaramonte, 2023).

e atuando há muitos anos como conselheiro de organizações do terceiro setor e instituições de educação privada. Suas publicações vão desde livros com debates sobre a ciência e a educação no Brasil até dicas sobre como fazer pesquisa, apresentar trabalhos científicos e estudar. Há ainda livros sobre memórias de viagens, dicas sobre construção de móveis e sobre como salvar o planeta plantando árvores. Tornou-se colunista do *Estadão* mais recentemente, tendo escrito na *Veja* por muitos anos. Na *Veja*, Castro ficou conhecido por seu tom polêmico e por “apologias” ao setor privado na educação, tendo sido um dos defensores da “tese do elitismo econômico dos alunos das universidades públicas” (Mello, 2012, p. 310).

Samy Dana, formado pela FAAP e doutor pela FGV, não teve cargos na burocracia estatal e sua carreira se dividiu entre a docência em faculdades privadas, a atuação em bancos privados e os altos investimentos midiáticos. O economista foi comentarista de diversos veículos das *Organizações Globo* e da *Folha* assim como da *Jovem Pan*. Escreve e comenta, tanto na imprensa quanto no mercado editorial, sobre finanças pessoais e empresariais, dando dicas para seus leitores. Por fim, Rodrigo Constantino é economista pela PUC-Rio, com MBA em Finanças pelo Ibmecc. Teve experiência em bancos privados, inclusive como funcionário do ex-ministro da Economia no governo de Jair Bolsonaro, Paulo Guedes. Dedica-se intensamente ao debate midiático. Desde quando iniciou a coluna no jornal *O Globo*, passou por diversos veículos de comunicação, com destaque para a *Jovem Pan*, radicalizando cada vez mais seu discurso. Teve forte atuação nas redes sociais, a ponto de ter tido seus perfis bloqueados pelo STF no inquérito das *Fake News*. Como militante liberal-conservador e polemista de extrema direita, suas publicações miram as disputas ideológicas mais diretas e operam no sentido de difundir as ideias ultraliberais e conservadoras, figurando como um “guerreiro da liberdade” – tal como se apresenta no título de seu livro autobiográfico, *Rodrigo Constantino: Autobiografia de um guerreiro da liberdade*. Constantino publicou mais de dez livros e foi *best-seller*.

Desses nomes, distinguem-se aqueles que reforçam as representações de eruditos e “homens de saber”. A fuga dos tecnicismos, dessa vez, se dá em nome da cultura e da civilização, da preocupação com as questões mais universais e nobres, da distinção em relação ao mais ordinário das práticas, da afirmação de mentes brilhantes e sofisticadas, do culto ao prazer e ao deleite estéticos, do cuidado com o estilo e a forma.

Tabela 2: Exemplos de livros que destacam a erudição do autor e da obra.

Autor	Título	Trechos dos paratextos
Affonso Celso Pastore	Caminhos e descaminhos da estabilização: Uma análise do conflito fiscal-monetário no Brasil	<p>“Caminhos e descaminhos da estabilização é um trabalho que, de muitas maneiras, sintetiza a vida e a obra de Affonso Celso Pastore (1939-2024).”</p> <p>“Uma obra de arte. Não é fácil combinar experiência prática e anos no debate público com conhecimento científico e acadêmico num livro que nos transporta através de décadas de história e políticas econômicas, colhendo lições que servem para olharmos o futuro de outra forma.”</p> <p>Ilan Goldfajn</p>
Eduardo Gianetti	Felicidade	<p>“A forma do novo livro de Eduardo Giannetti casa-se perfeitamente aos propósitos do autor. Não se trata de defender um ponto de vista, mas de colocar determinadas questões em relevo – questões fundamentais, mas frequentemente esquecidas pelos cadernos de economia. O fio condutor é o Iluminismo – e suas promessas de felicidade –, que traria o progresso nas ciências e nas artes, permitindo aos homens exercer um amplo domínio sobre a natureza. (...) Para discutir esses temas, Giannetti faz uso de uma bibliografia variada e extensa, transposta na forma de um diálogo leve e fluente. Assim como os demais livros do autor, <i>Felicidade</i> é uma obra que transita nos limites entre o discurso econômico e a reflexão filosófica, sem fazer uso do jargão técnico de nenhum dos dois domínios.”</p>
Eduardo Gianetti	Trópicos Utópicos	<p>“Este é um dos mais belos livros escritos sobre o Brasil que já li. E nem é propriamente um livro sobre o Brasil. Os aforismos (ou, como prefere o autor, as seções) de que ele se compõe exibem uma mente clara usando com carinho a língua para dar conta do estar no mundo neste começo de século. (...) E a responsabilidade do Brasil perante a oportunidade que representa sua condição peculiar é reconhecida com sensato realismo. Nenhum outro tom seria mais contundente. Giannetti, cujos livros, desde <i>Vícios privados, benefícios públicos?</i> (em que a ênfase cai sobre a interrogação), os brasileiros politizados deveriam ler antes de qualificá-lo como pertencente à malta “neoliberal”, chega aqui ao ápice de seu pensamento, um pensamento pacientemente desenvolvido. É uma redescoberta do Brasil que aguç a cabeça e comove o coração.”</p> <p>Caetano Veloso</p>

Autor	Título	Trechos dos paratextos
Gustavo Franco	A economia em Machado de Assis: o olhar oblíquo do acionista	<p>“A economia em Machado de Assis é, assim, um privilégio historiográfico, a chance de visitar o passado brasileiro, em um momento rico e tumultuado, com a companhia de um dos grandes escritores da literatura mundial e um dos mais brilhantes economistas do país.”</p> <p>“Franco volta a surpreender. Escrevendo sobre o ‘olhar oblíquo do acionista’, o autor demonstra possuir um olhar tão oblíquo quanto o do bruxo do Cosme Velho, pois conseguiu descobrir em várias crônicas de Machado de Assis um leitmotiv que escapou a críticos literários dotados de visão mais retilínea. ... O livro é um deleite, e um deleite duplo. É bem escrito, bem argumentado, e abre trilhas para uma nova compreensão de Machado de Assis.”</p> <p>Sergio Paulo Rouanet</p>
Gustavo Franco	A economia em Pessoa	<p>“Neste livro, um poeta escreve sobre economia, e um economista sobre o poeta. A menor das surpresas é que o primeiro se revela um arguto analista econômico, e o segundo, um fino comentador literário.”</p> <p>Alberto da Costa e Silva</p> <p>“Esse livro mostra uma faceta pouco conhecida de Fernando Pessoa, ao reunir textos raros desse grande poeta da língua portuguesa sobre economia e administração. Organizado e comentado pelo economista e ex-presidente do Banco Central Gustavo H.B. Franco, <i>A economia em Pessoa</i> é uma iluminada aula de economia, no estilo de um cânone da literatura mundial.”</p>
Marcos Lisboa e Samuel Pessoa	O valor das ideias: debate em tempos turbulentos	<p>“Neste elogio ao debate civilizado em tempos de comunicação truculenta; discussão plural e de alto nível sobre os rumos da esquerda; é um exemplo singular de debate respeitoso em tempos de polarização.”</p> <p>“Este livro é um sonho de consumo intelectual. O que mais falta no universo acadêmico brasileiro é debate sério. Ou seja, entre pessoas qualificadas, com argumentos bons, divergindo, mas se respeitando. Pois é o que temos aqui.”</p> <p>Renato Janine Ribeiro</p>
Pedro Malan	Uma certa ideia de Brasil: Entre passado e futuro	<p>“Esta coletânea permitirá avaliar a contribuição de Pedro Malan como intelectual público. Quem o conhece apenas como economista e funcionário de Estado verificará nesta seleção de artigos mensais a amplitude de sua cultura, assim como sua sensibilidade à conjuntura.”</p> <p>Fernando Henrique Cardoso</p>

Fonte: Elaborada pela autora.

Os distintivos culturais operam na diferenciação em relação ao conjunto de economistas que atuam na vida pública, sobretudo aqueles mais voltados à execução e não investidos nos debates intelectuais e/ou midiáticos. Mas também demarcam as ambições culturais, intelectuais e políticas distintas em relação à maioria dos economistas presentes no próprio mercado de opiniões. Como Le Bart, em sua pesquisa sobre os políticos-escritores, afirmou:

Aventurando-se em um mundo que não é o deles, sob o risco de parecerem (...) usurpadores, esses homens políticos [que se colocam como eruditos e homens do saber] buscam administrar a prova de suas capacidades de rivalizar com autores prestigiosos e reconhecidos. Nesse sentido, as estratégias de quase saída do campo político são evidentemente muito políticas (Le Bart, 1998, p. 86).

Ao escreverem para além de seus *métiers*, alguns desses economistas-colunistas tentam se valer dos “lucros distintivos” que possam ser usados no espaço dos economistas, no campo político e no mercado de opiniões (Ibid.; Meirelles, 2021, 2025). As abstrações, a cultura, o deleite e o estilo contribuem para a eficácia simbólica de suas ideias, não estando, porém, a serviço do “interesse pelo desinteresse” (Bourdieu, 1996b; Bourdieu, 2015), mas sim da própria difusão da *doxa* econômica, como os trechos deixam entrever. Mesmo quando mobilizam a literatura e a filosofia, o fazem no sentido de dar um verniz e buscar um reconhecimento cultural e moral às suas tomadas de posição.

Entre os autores apresentados na Tabela 2, dois deles estão entre os que publicaram mais de 10 livros do conjunto total de economistas-colunistas analisados: Eduardo Gianetti e Gustavo Franco. Este último foi presidente do Banco Central e compôs a equipe de elaboração do Plano Real. Esteve por muito tempo ligado ao PSDB e contribuiu com o Partido Novo, além de ter participado da formação do Instituto Millenium. Com graduação pela PUC-Rio nos anos 1970, doutorado em Harvard e docência também na PUC-Rio, Franco destacou-se academicamente, tendo recebido o primeiro lugar no prêmio BNDES de melhor dissertação, em 1983. Nos anos 2000, direcionou-se ao setor privado, tendo fundado com outros sócios a *Rio Bravo consultoria*, instituição financeira que atua no mercado de capitais e está, atualmente, associada ao conglomerado chinês Fosun. Desde os anos 1980, Franco transita e colabora com os principais jornais do país, mantendo, há mais de dez anos, coluna fixa nos jornais *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*. Entre suas publicações editoriais, há obras de macroeconomia, coletâneas de artigos da imprensa e compilados de artigos técnicos ou acadêmicos, antologias, livros para estudantes de economia, além de obras sobre a relação entre literatura/arte e economia.

Eduardo Gianetti divide com Gustavo Franco as ambições intelectuais mais expressivas do conjunto total de autores-atores estudados. Seus livros abordam a

economia de um ponto de vista mais existencial, refletindo sobre problemas filosóficos a partir do olhar de economista. Gianetti também teve uma formação de elite, graduando-se em Economia e Ciências Sociais pela USP, nos anos 1970, e tendo realizado o doutorado na Universidade de Cambridge. Ele foi professor da USP e, após a aposentadoria, lecionou no Ibmecc e Insper. É membro da Academia Brasileira de Letras. Em 2018, foi colaborador do programa de governo de Marina Silva. Franco e Gianetti se destacam por fazerem parte do rol de economistas entrevistados para o livro *Conversas com Economistas Brasileiros* e por terem ganhado o prêmio Jabuti. Também Affonso Celso Pastore, Marcos Lisboa, Samuel Pessoa e Pedro Malan, citados na Tabela 2, tiveram trajetórias de prestígio, com formações de elite, experiências políticas importantes, indicações ou premiações como o Jabuti e longas inserções na imprensa.

Assim como os excertos selecionados nas tabelas acima, as credenciais institucionais acionadas nos paratextos como forma de asseverar o lugar de autoridade dos assuntos evidenciam distinções no espaço.

Observador privilegiado da realidade política e econômica brasileira, Pedro Malan participou da elaboração, lançamento e implementação do Plano Real e atuou como ministro da Fazenda durante o governo Fernando Henrique Cardoso. Por meio dos artigos publicados na coluna que assina desde 2003 no jornal *O Estado de S. Paulo*, ele parte de sua trajetória profissional e da sólida formação intelectual para analisar de maneira única o cenário político e econômico do país nos últimos 15 anos¹⁸.

Do polêmico autor do *best-seller* *Esquerda caviar* Rodrigo Constantino é um livre-pensador, debatedor incansável, defensor incondicional das liberdades individuais e dos valores republicanos¹⁹.

Enquanto alguns chamam a atenção para a participação em determinados eventos políticos importantes (como o Plano Real) e lembram a atuação na imprensa, outros enfatizam o fato de serem *best-sellers*; as credenciais acadêmicas prestigiosas tendem a ser ressaltadas nos paratextos, enquanto a defesa de determinadas ideologias é mobilizada nos casos em que a figura opera mais como polemista e/ou militante do que como expert. As seleções se baseiam tanto nos distintivos das trajetórias dos agentes quanto nos públicos para os quais os livros são direcionados. A posição dos economistas-escritores circunscreve as possibilidades de perfis de leitores: os mais dominados escrevem sobretudo para o público em geral; apenas aqueles com maior capital acadêmico, intelectual e político podem se direcionar aos

¹⁸ *Uma certa ideia de Brasil: Entre passado e futuro*, de Pedro Malan, 2018.

¹⁹ *Contra a maré vermelha: Um liberal sem medo de patrulha*, de Rodrigo Constantino, 2015.

mais dominantes, como pares, políticos e tomadores de decisão; mas, entre esses últimos, há também aqueles que buscam conquistar “corações e mentes”, oscilando com menos entraves entre as diferentes clientelas. Essas podem ser observadas pelos nomes que assinam os prefácios, orelhas e quartas capas dos livros. Nessas páginas, circulam economistas, políticos, jornalistas, agentes do campo cultural, demonstrando os múltiplos jogos em que estão envolvidos:

O livro que tem prefácio de Fernando Henrique Cardoso, orelha de Pedro Malan e quarta capa de Miriam Leitão reúne ensaios que traçam o painel das mudanças político-econômicas dos dois mandatos de FHC e sugerem táticas para que o Governo Lula consiga cumprir a promessa de transformar o Brasil num país economicamente saudável e socialmente mais justo. Uma leitura indispensável tanto para quem lida diretamente com o assunto como para aqueles que querem compreender melhor o país em que vivem²⁰.

Uma das grandes escolhas que eu fiz quando assumi a Presidência da República foi trazer o Henrique Meirelles para cuidar da área econômica. [...] Meirelles é um bom ouvinte. Embora seja um técnico, tinha uma postura política. Muitas vezes, o técnico não gosta de ouvir a classe política, mas ele ouvia – Michel Temer, ex-presidente do Brasil (2016-2019)²¹.

Por conta do ofício, o jornalista transita por uma gama variada de temas. Para compreender cada um deles a ponto de informar com propriedade, ele recorre a quem se dedica a um assunto pela vida inteira: o especialista. (...) Ouvir quem domina um tema é um prazer, que se duplica quando a pessoa tem a capacidade de comunicar o que sabe de maneira acessível. Assim é com Giambiagi. Estudioso das finanças públicas há mais de três décadas, ele sempre demonstrou disposição para dialogar e convencer pelo argumento – Renata Lo Prete²².

Enquanto os pares operam na legitimação técnica, especializada, os políticos contribuem na afirmação de tais nomes como agentes aptos ao jogo político, buscando romper com a imagem de meros tecnocratas. Os políticos aparecem como “ex-chefes”, ou seja, presidentes em cujos governos os economistas trabalharam, atestando a competência política dos elogiados, mas também, indiretamente, a qualidade de “funcionário” e, portanto, o lugar relativamente subordinado. Figuras como Fernando Henrique Cardoso, político admirado entre os economistas-colunistas

²⁰ *Reformas no Brasil — balanço e agenda*, de Fabio Giambiagi, José Guilherme Reis e André Urani, 2004.

²¹ *Calma sob pressão: O que aprendi comandando o Banco de Boston, o Banco Central e o Ministério da Fazenda*, Henrique Meirelles, 2024.

²² *Tudo sobre o déficit público: um guia sobre o maior desafio do país para a década de 2020*, de Fabio Giambiagi, 2021.

(Meirelles, 2021) e intelectual renomado, assevera o lugar dos agentes como “pensadores do Brasil”; assim como artistas, críticos e intelectuais contribuem para a legitimação cultural. Já os jornalistas ratificam as habilidades que tais nomes têm para o debate público, legitimando-os enquanto interlocutores cotidianos dos que trabalham na imprensa. Os discursos vão produzindo uma legitimidade coletiva, ancorada tanto nos padrões compartilhados quanto nas distinções ligadas às diferenciações do espaço, pois como afirmaram Bourdieu e Boltanski, “o ponto de honra liberal alimenta-se dessa diversidade na unidade” (1976, tradução nossa).

Considerações finais

Entre os economistas-colunistas-escritores, a escrita vale, direta ou indiretamente, como suporte da ação – seja quando busca orientar a prática cotidiana, a conduta de vida dos agentes sociais; seja quando pretende intervir diretamente no debate público e construir consensos em torno dos projetos políticos defendidos; seja quando se afasta dos interesses políticos mais imediatos, contribuindo na desconstrução da imagem do economista como mero agente de execução, restrito às tomadas de decisão cotidianas e à resolução das demandas externas (Le Bart, 1998, 80). Nesse último caso, a partir das posições que ocupam, os autores-atores constroem estratégias para se legitimarem enquanto “pensadores” ou, mais especificamente, “intelectuais públicos”.

Engajados na difusão de fórmulas de resolução de problemas cotidianos ou dedicando-se às questões “mais elevadas” da alma humana, as publicações atuam, de forma consciente ou semiconsciente, na sedimentação de propostas políticas – predominantemente, no corpus analisado, de vieses liberais, neoliberais ou ultraliberais –, na circulação da *doxa* econômica, na legitimação coletiva dos economistas, mas também na cristalização de um conjunto de valores e modos de conduta de vida (Weber, 2004). A divisão do trabalho ideológico, observada no artigo, contribui para a própria eficácia simbólica das lógicas dominantes difundidas (Bourdieu; Boltanski, 1976).

O jogo múltiplo, típico desse universo, atua também no sentido de desvincular a pretensão intelectual da questão histórica da autonomia (Bourdieu, 1996b; Bourdieu, 2015), naturalizando as fronteiras fluidas entre lógicas distintas e a figuração do “homem de poder” como “homem de saber”. Como agentes que disputam, não apenas as posições de decisão, mas também as interpretações legítimas, eles oscilam entre a ostentação da técnica – na reivindicação de um conhecimento esotérico, exclusivo dos iniciados – e, de um lado, a capacidade para traduzi-la aos não iniciados ou, de outro, a sensibilidade e a erudição para não se restringirem a ela. Tentam, assim, desconstruir a imagem de “tecnocratas” – movimento necessá-

rio para as disputas do mercado de opiniões –, sem deixar de se afirmarem como detentores de uma posição privilegiada para análise do mundo social, justamente por incorporarem os atributos da técnica.

Por fim, a pesquisa suscitou novas questões a serem desenvolvidas futuramente, como em relação às estratégias de transferência de capital simbólico entre os economistas-escritores e os autores de orelhas, prefácios e comentários de contracapa. As pesquisas na área destacam as relações mais frequentemente observadas no espaço dos economistas, ou seja, aquelas estabelecidas entre eles e jornalistas ou políticos. O material levantado, porém, chamou a atenção pela presença – minoritária, mas sociologicamente significativa – de alianças com figuras investidas na produção artística. Aliás, o engajamento desses agentes em atividades e instituições culturais/intelectuais assim como em gêneros e produções aparentemente mais arriscados editorialmente é uma questão ainda pouco esmiuçada e que pode revelar lutas e transformações nos espaços de produção simbólica.

Agradecimentos: Esta pesquisa recebeu financiamento da Pró-reitoria de Pesquisa da UNESP, contando com uma bolsista de treinamento técnico, que auxiliou no trabalho de coleta dos dados da pesquisa. Agradeço à discente e bolsista Linda Alves Oliveira Moreira da Silva pelo excelente trabalho e à UNESP pelo financiamento.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves. “Jornalistas e jornalismo econômico na transição democrática”. In: ABREU, Alzira Alves; LATTMAN-WELTMAN, Fernando; KORNIS, Mônica Almeida. **Mídia e Política no Brasil – Jornalismo e Ficção**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 13-74.

ALMEIDA, Ana Maria F. O assalto à educação pelos economistas. **Tempo Social**, v. 20, n. 1, p. 163-178, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Linguísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996a.

BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte**: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996b.

BOURDIEU, Pierre; BOLTANSKI, Luc. La production de l'idéologie dominante. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 2, n. 2-3, juin 1976.

BOLTANSKI, Luc. L'espace positionnel : multiplicité des positions institutionnelles et habitus de classe. **Revue française de sociologie**, 1973.

CHIARAMONTE, Aline. **Jornalismo de educação: instâncias de consagração e estratégias e uma elite profissional**. Tese de Doutorado, São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, USP, 2023.

DEZALAY, Yves; GARTH, Bryant. A dolarização do conhecimento técnico-profissional e do Estado: processos transnacionais e questões de legitimação na transformação do Estado, 1960-2000. **RBCS**, v. 15, n. 43, jun. 2000.

DUVAL, Julien. **Critique de la Raison Journalistique**. Paris : Éd. Le Seuil, 2004.

EYAL, Gil; BUCHHOLZ, Larissa. From sociology of intellectuals to the sociology of interventions. **Annual Review of Sociology**, n.36, pp.117-137, 2010.

GRÜN, Roberto. A dominação, a doxa e o neoliberalismo: A revanche do baixo clero e a pista das homologias sociais. In: ANPOCS, 39, 2015. **Anais eletrônicos...** Caxambu: ANPOCS. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/39-encontro-anual-da-anpocs/gt/gt13/9565-a-dominacao-a-doxa-e-o-neoliberalismo-a-revanche-do-baixo-clero-e-a-pista-das-homologias-sociais?path=39-encontro-anual-da-anpocs/gt/gt13>>. Acesso: 10 jun. 2020.

KLÜGER, Elisa. A contraposição das noções de técnica e política nos discursos de uma elite burocrática. **Revista Sociologia e Política**, v. 23, n. 55, p. 75-96, set. 2015.

KLÜGER, Elisa. **Meritocracia de laços: gênese e reconfigurações do espaço dos economistas no Brasil**. 2017. 855 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

JARDIM, Maria Chaves; MOURA, Paulo José de Carvalho. Entre a ortodoxia e a heterodoxia: disputa simbólica nos governos petistas (Lula e Dilma) para a imposição da doxa econômica. **Revista Novos Rumos Sociológicos**, v. 9, n. 16, p. 52-80, ago.-dez. 2021.

LE BART, Christian. L'écriture comme modalité d'exercice du métier politique. In: **Revue française de science politique**, 48, n.1, p. 76-96, 1998.

LOUREIRO, Maria Rita. **Os Economistas no Governo**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1997.

MARCHETTI, Dominique. Subfields of Specialized Journalism. In: BENSON, Rodney; NEVEU, Erik. **Bourdieu and the journalistic field**. Polity Press, 2005.

MEIRELLES, Allana. **Mercado de Opinião Política**. São Paulo: Edusp, 2025.

MEIRELLES, Allana. **Opiniões à venda: oposições políticas e divisão do trabalho intelectual na mídia**. Tese de Doutorado, São Paulo, FFLCH-USP, 2021.

MEIRELLES, Allana; CHIARAMONTE, Aline. Os economistas-colunistas no debate sobre as reformas no Brasil. **Estudos de Sociologia**, v. 24, p. 137-170, 2020.

MELLO, Hivy Damasio Araújo. **O Banco Mundial e a educação no Brasil**: convergências em torno de uma agenda global, 2012. 435p. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

NEIBURG, Federico. Economistas e culturas econômicas no Brasil e na Argentina: notas para uma comparação a propósito das heterodoxias. **Tempo Social**, São Paulo, v. 16, n. 2, nov. 2004.

OLIVIERI, Cecília. Política, burocracia e redes sociais: as nomeações para o alto escalão do Banco Central do Brasil. **Revista de Sociologia e Política**, v. 29, p. 147-168, 2007.

PEDROSO, Antonio. O espaço dos jornalistas da economia brasileiros: gerações, origem social e dinâmica profissional. **Repocs**, v.12, n.23, p. 133-152, jan./jun. 2015.

PERISSINOTTO, Renato *et al.* Redes sociais e recrutamento: o caso dos diretores e presidentes do Banco Central do Brasil (1994-2016). **Tempo Social**, v. 29, n. 3, p. 61-82, 2017.

PERISSINOTTO, Renato *et al.* A elite dos colunistas de economia como comunidade epistêmica: uma análise de redes (2019-2021). **Estudos Históricos Rio de Janeiro**, v. 37, n. 81, p. 1-26, 2024.

PINHEIRO FILHO, Fernando. Intelectuais: perfil de grupo e esboço de definição. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Agenda Brasileira**: temas de uma sociedade em mudança. São Paulo : Companhia das Letras, 2011. p. 268-277.

PINTO, Louis. **Le café du commerce des penseurs** : à propos de la doxa intellectuelle. Broissieux: Éditions du Croquant, 2009.

PULITI, Paula. **A Financeirização do noticiário econômico no Brasil** (1989-2002). 2009. 286 p. Tese (Doutorado em Comunicação) – Departamento de Jornalismo e Editoração, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SAPIRO, Gisèle. Modèles d'intervention politique des intellectuels. Le cas français. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, n. 176-177, p. 8-31, 2009.

UNDURRAGA, Tomas. Knowledge-production in journalism: Translation, mediation and authorship in Brazil. **Sociological Review**, v. 66, n. 1, 18 abr. 2017.

UNDURRAGA, Tomas. Making News, making the economy: technological changes and financial pressures in Brazil. **Cultural Sociology**, v. 11, p. 77-96, 2016.

UNDURRAGA, Tomas; PEDROSO NETO, Antonio. Jornalistas da economia e homens das finanças: fascinação, ascendência e ilusão profissional. **Estudos de Sociologia**, v. 24, p. 55-82, 2019.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.